



UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA – UNAMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**ALFREDO ATRAVESSA A PONTE: UMA LEITURA DE PONTE DO  
GALO, DE DALCÍDIO JURANDIR**

BELÉM/PA

2018

THIAGO WILLIS DE SOUZA COELHO

**ALFREDO ATRAVESSA A PONTE: UMA LEITURA DE PONTE DO  
GALO, DE DALCÍDIO JURANDIR**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), da Universidade da Amazônia (UNAMA), como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras/hab. português, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes**

BELÉM/PA

**2018**

THIAGO WILLIS DE SOUZA COELHO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), da Universidade da Amazônia (UNAMA), como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras/ hab. português.**

Apresentado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador (a): Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes  
Universidade da Amazônia (UNAMA)

---

Examinador (a) Externo:  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Examinador (a) Interno:  
Universidade da Amazônia (UNAMA)

*A Deus, o autor da vida que de maneira linda criou a cada um de nós e nos dotou de dons, principalmente o amor, sentimento mais profundo e puro. A sempre Bem Aventurada Virgem Maria, minha Mãe e Rainha, tudo que tenho e sou a eles pertence. Gratidão a São Benedito da Praia padroeiro da Academia do Peixe Frito e santo por quem tenho uma predileção particular, homem que sempre esteve em defesa dos menos favorecidos.*

## **AGRADECIMENTOS:**

A minha amada vovó Taci, por ter me criado e me ajudado a trilhar este caminho, a minha mãe Dina e ao maninho Fábio. Aos meus amigos e irmãos do Unidos, Aos professores e amigos da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Ao orientador do meu trabalho Professor Dr. Paulo Nunes, sempre disposto e incentivando a minha pesquisa.

A todos que de maneira direta ou indireta me ajudaram a chegar até aqui, o meu muito obrigado e desejo que todos sejam muito felizes.

*“Te cobre de saber, meu sobrinho, que a ciência é o melhor cavalo”.*

(Dalcídio Jurandir)

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma leitura do romance *Ponte do Galo* de Dalcídio Jurandir, buscando cada vez mais torná-lo estudado e conhecido. *Ponte do Galo* publicado pela primeira vez em 1971, é um passeio pelas periferias da cidade, nos rastros de Alfredo a periferia se revela, bairros como Umarizal, Telegrafo sem fio, Reduto e Pedreira são apresentados pelo narrador como bairros periféricos cheio de lama e conflitos dos personagens. A configuração de toda obra dalcídiana é marcada pela presença de negros e pobres da cidade e do interior. O ser humano é o centro da narrativa, ser humano em sua grandeza e miséria, homens e mulheres das periferias da cidade de Belém, que tem voz e vez no *Ciclo do Extremo Norte*. A partir do engajamento político de Dalcídio Jurandir como membro do Partido Comunista Brasileiro e participante da Academia do Peixe Frito, fundada por Bruno de Menezes, utilizamos a *Fisigonomia da Metrópole Moderna*, de Wille Bolle para responder o porquê que Dalcídio Jurandir escolhe representar a periferia e não o centro em sua obra. Um autor modernista, brasileiro e paraense que utiliza a sua literatura para denunciar as agruras sofridas pelos seus preferidos, a criaturada dos pés no chão. A metodologia aplicada é a *Narratologia* de Motta, nos três planos; Plano da expressão, plano do conteúdo e o plano da metanarrativa, por meio de análise de passagens do romance. Ressalta-se, no estudo, a importância da literatura de Dalcídio, uma vez que é regionalista e universal, ele descortina em sua narrativa a Amazônia paraense, no âmbito social, sem deixar de lado o mítico da região. É o povo marajoara e belenense que ganham visibilidade e voz, principalmente negros e pobres das periferias de Belém. É na periferia que a história acontece é nela que estão os preferidos de Dalcídio.

**Palavra Chave:** Periferia; Dalcídio Jurandir; Negros; Umarizal.

## **ABSTRACT**

This work presents an interpretation of the romance *Ponte do Galo*, by Dalcídio Jurandir, looking to make it more studied and known. *Ponte do Galo*, first published in 1971, is a tour by the outskirts of Belém. On Alfredo's tracks, the outskirts reveal itself. Neighborhoods, like Umarizal, Telégrafo Sem Fio, Reduto, and Pedreira, are presented by the narrator as peripheral neighborhoods filled with mud and characters conflicts. The configuration of all the dalcidian work is marked by the presence of poor and black men from the city and countryside. The human being is the center of the narrative. Being human in its greatness and misery, men and women from Belém outskirts, that have voice and choice on the Extreme North Cycle. From Dalcídio Jurandir politic engagement as a Brazilian Communist Party member and participant of the Peixe Frito Academy, founded by Bruno Menezes, we utilize the *Modern Metropolis Physiognomy*, by Wille Bolle, to answer why Dalcídio Jurandir chooses to represent the outskirt instead of the downtown area in his work. A modernist author, Brazilian and Paraense, that utilizes His literature to report the sourness suffered by His preferred, the down to earth creatures. The applied methodology is Motta's Narratology, in the three planes: Expression plane, Content plane, and Metanarrative plane, by the analysis of the romance's passages. In this work, is emphasized the importance of Dalcídio's literature, since it's regionalized and universal. He unveils in His narrative the Paraense Amazonia, in a social scope, without setting aside the region mythic side. It's the Marajoara and Belenense people that receive visibility and voice, mainly black and poor men from Belém outskirts. It's in the outskirts that the history happens and it's in it that Dalcídio's preferred are at.

**Keywords:** Outskirts; Dalcídio Jurandir; Black; Umarizal.



## **LISTA DE SIGLAS**

APF	Academia do Peixe Frito
CEN	Ciclo do Extremo Norte
PG	Ponte do Galo
PCB	Partido Comunista Brasileiro

## SUMÁRIO

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2- Dalcídio Jurandir e o Ciclo do Extremo Norte.....</b>	<b>14</b>
2.1- A Academia do Peixe Frito – Modernismo e Negritude na Amazônia Paraense.....	16
2.2- Negritude.....	19
2.3- APF na formação de Dalcídio Jurandir e o Romance Ponte do Galo.....	20
2.4- O Romance Ponte do Galo.....	22
<b>3- Espaços e personagens – fisionomia (O circuito de Alfredo e seus mapas).....</b>	<b>27</b>
3.1- Ponte do Galo cenários de Belém.....	29
3.2 A fisionomia da cidade e o <i>flâuner</i> da periferia.....	31
3.3- O Curro Velho (hoje bairro do Telégrafo).....	36
3.4- A interpretação narrativa segundo Luiz Gonzaga Motta.....	41
3.5- Dalcídio Jurandir Hoje.....	43
<b>4- Considerações Finais.....</b>	<b>45</b>
<b>5- Referências.....</b>	<b>46</b>

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Foto 1: Os acadêmicos do Peixe Frito quando eram, nos anos 20, os Vândalos do Apocalipse.....	18
Foto 2: Mapa de Belém.....	27
Foto 3: Bonde do Bairro Telegráfo.....	28
Foto 4: Macrodrenagem e Água Potável em Belém do Pará.....	32
Foto 5: Residência no Curro Velho.....	36
Foto 6: Escolar Augusto Montenegro.....	38
Foto 7: Quartel da PM.....	38
Foto 8: Igarapé das Armas, atual doca.....	40

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 5: O Bairro do Umarizal (Municipalidade e José Pio) (Ilustração I).....	35
Figura 6: O Bairro do Umarizal (Municipalidade e José Pio) (Ilustração II).....	36

## 1- INTRODUÇÃO

Conhecido como o romancista da Amazônia, Dalcídio Jurandir nasceu no arquipélago do Marajó (1909), Ponta de Pedras, já rapaz vai morar na capital Belém para concluir seus estudos, ainda na juventude vai para o Rio de Janeiro onde dá prosseguimento a sua produção literária, escreve o Ciclo do Extremo Norte, composto de dez romances, nove trazem como personagem principal Alfredo, menino mulato filho de uma negra e um branco, o aventureiro dos rios e ruas da Amazônia paraense é guiado pelo caroço de tucumã e ao longo do ciclo vive experiências, encontros que o farão crescer. A cada romance somos introduzidos no universo de Dalcídio, apresentados à criaturada dos pés no chão, homens e mulheres, negros, brancos, mulatos que vivem dramas e conflitos próprios de moradores do interior e também das periferias da cidade de Belém, Estado do Pará.

As obras de Dalcídio cada vez mais são estudadas e conhecidas, Livros como Marajó, Belém do Grão-Pará, e o celebre Chove nos Campos de Cachoeira tem maior números de estudos referentes, no entanto os demais livros ainda quase que desconhecidos guardam um autor muito mais que regionalista, pois traz em suas obras temas inerentes a todos os lugares. Dalcídio preocupado com seu tempo, engajado no ativismo político, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), reverbera em suas obras as ideologias do movimento e cria verdadeiros manifestos que buscam visibilizar os invisibilizados principalmente negros e pobres moradores das periferias e interiores da Amazônia paraense.

Esta forma de dar voz aos invisíveis é adquirida do convívio de Dalcídio Jurandir com Bruno de Menezes, autor paraense que ao som de batuques e ladainhas evidência a periferia e sua rica cultura, para potencializar tal ação, Bruno reuniu um grupo de moços, jornalistas, poetas e até músicos como Tó Teixeira, em discussões regadas a cachaça e Peixe Frito no Ver-O-Peso para dar voz aos excluídos das riquezas da borracha. Este grupo primeiramente se domina Vândalos do Apocalipse, Grupo dos Novos e graças a um certo desabafo de Dalcídio Jurandir no prefácio da primeira edição de *Chove nos Campos de Cachoeira*, o grupo fica conhecido como Academia do Peixe Frito (APF), pois era só a única coisa que autores da terra podiam ter, o peixe frito, o contexto desta colocação de Dalcídio é referente a falta de apoio para os autores da terra.

Ao escolhermos o romance *Ponte do Galo* de Dalcídio Jurandir, um livro que teve a primeira edição em 1971, e durante anos ficou “esquecido” só voltando à cena no ano de 2017,

isso graças a campanha popular de arrecadação de fundos para a reedição desta obra tão singular do “índio sútil”, partimos do seguinte questionamento; por que Dalcídio escolhe representar a periferia e não o centro em Ponte do Galo? O que leva um romancista a retratar as periferias da cidade? Buscamos por meio de dois vieses responder aos questionamentos; primeiro o da militância política do autor, visto que era membro do Partido Comunista Brasileiro e também do socialismo da Academia do Peixe Frito.

A representação da periferia em *Ponte do Galo* é evidente, mesmo o livro tendo uma parte menor dedicada a cidade de Belém e suas baixadas, mas elucidadora quanto a problemática aqui apresentada. Pois nas cenas do romance que vão do igarapé das Almas a Ponte do Galo o centro não aparece e sim as baixadas da cidade.

O presente trabalho é uma leitura do romance *Ponte do Galo*, e busca analisar a obra referida, destacando a interferência da APF e do PCB. Utilizando-se da Fisiognomia da Metrópole Moderna de Wille Bolle, a partir de Walter Benjamin. Também conceituaremos a negritude que é muito presente no Ciclo do Extremo Norte, de maneira particular em *Ponte do Galo*, com base em Kabengele Munanga.

A metodologia aqui aplicada é a narratológica de Luiz Gonzaga Motta, nos planos da Expressão, que é o plano do discurso na narrativa, o plano do Conteúdo ou da estória e a Metanarrativa que é o tema de fundo. A pesquisa é bibliográfica e qualitativa.

O trabalho é dividido em três partes. No primeiro apresentamos Dalcídio e o Ciclo do Extremo Norte, o modernismo no Brasil e seu advento no Pará com a publicação de *Bailado Lunar* de Bruno de Menezes, a Negritude da Academia do Peixe Frito que influencia a obra dalcidiana, que é a representação da criaturada dos pés no chão.

No segundo capítulo identificamos os Espaços e personagens do Romance, à luz da Fisiognomia da Metrópole Moderna de Wille Bolle, e os mapas de Alfredo pela periferia da cidade.

O terceiro capítulo é a aplicação dos três planos de Luiz Gonzaga Motta, a partir de trechos do romance no contexto político e econômico da narrativa.

Pretendemos que esse trabalho possa de alguma forma contribuir com a divulgação da obra de Dalcídio Jurandir e da Literatura Paraense, certos de que este é o começo dessa pesquisa, que muito ajudará outros apaixonados por Dalcídio e seu Ciclo.

## 2- Dalcídio Jurandir e o Ciclo do Extremo Norte

Paraense nascido em 1909, na ilha de Marajó, vila de Ponta de Pedras, Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, ainda criança foi para a vila de Cachoeira e garoto mudou-se para Belém.

Dalcídio permanece na capital até 1928, quando viaja para o Rio de Janeiro, onde trabalha como garçom e redator da revista *Fon Fon*. Retorna à Belém e ocupa cargos públicos e contribui com a imprensa da cidade. Romancista, cronista, ativista político, Dalcídio Jurandir foi premiado pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra em 1972. Falece em 16 de junho de 1979 no Rio de Janeiro deixando uma preciosa obra literária regionalista universal.

Em 1952, Dalcídio viaja a União Soviética para participar das festividades do 1º de maio, a viagem tinha por intenção ao regressar ao Brasil, divulgar as ideologias do mundo socialista. Como membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Dalcídio via nos ideais comunistas a transformação social do país e a igualdade de classes. O engajamento do “Índio sutil” evidencia-se no livro *Linha do parque* (1960), que não compõe o Ciclo do Extremo Norte (CEN), o referido livro apresenta a luta de trabalhadores do Rio Grande do Sul por melhorias trabalhistas, não só nesta obra e sim em todo o CEN, as questões políticas ideológicas de Dalcídio aparecem dando voz as classes populares, principalmente; negros e mestiços da Amazônia paraense.

O Ciclo do Extremo Norte (1939-1978), denominação escolhida pelo autor para chamar o conjunto de dez romances: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941); *Marajó* (1947); *Três casas e um rio* (1958); *Belém do Grão Pará* (1960); *Passagem dos inocentes* (1963); *Primeira manhã* (1968); *Ponte do galo* (1971); *Chão de lobos* (1976); *Os habitantes* (1976); *Ribanceira* (1978), que falam diretamente do povo do Pará, com seus costumes, dramas, conflitos e anseios. Destes nove trazem como protagonista Alfredo, *alter ego* do autor, o menino é filho de D. Amélia, negra e iletrada, com o Major Alberto, branco e português, prestigiado na sociedade de Cachoeira.

Nos rastros de Alfredo, o leitor é levado a conhecer o Marajó, Belém, cidades marcadas pelos contrastes sociais e a presença de caboclos, tapuios, crioulos indígenas, mestiços e negros, homens e mulheres, pobres e ricos. O modo de Dalcídio Jurandir denunciar as mazelas sociais do interior e o descaso com a cidade, é por meio da escrita, da construção de personagens que não são só fictícios, são atuais como antigamente, Dalcídio tem em suas obras, uma narrativa

diferenciada sobre a região amazônica, distanciando-se de outros autores que já retrataram a Amazônia em suas produções literárias. A problemática social e o engajamento do autor no PCB, dão aos personagens do Ciclo um certo tom de singularidade, os dramas vividos são universais, sentidos por moradores da cidade e do interior, com esse tipo de literatura Dalcídio tira a Amazônia exótica do centro de atenção e apresenta uma Amazônia real.

No primeiro romance do Ciclo, somos apresentados ao Marajó, com suas belezas e desencantos, e ao desejo do menino Alfredo de estudar na capital. Para dar melhores condições de estudo ao filho, visto que o ensino na vila de Cachoeira é precário, Dona Amélia faz todo o esforço possível para mandar Alfredo estudar na capital Belém. O menino tem ao longo dos romances do CEN, encontros, desilusões que constroem assim a personalidade de Alfredo.

No Ciclo do Extremo Norte o tempo do enredo se passa na década XX e o trajeto de Alfredo vai dos 10 aos 20 anos de idade; o cenário é rural e/ou urbano, divide-se entre a vila de Cachoeira e a cidade de Belém, pois cinco dos romances se passam na capital, a narrativa do Ciclo é marcada de recursos de linguagem que vão dos monólogos interiores ao discurso indireto livre, quando a fala do narrador mistura-se com o pensamento das personagens, ao ponto de, algumas vezes o leitor se perguntar: quem enuncia? O narrador ou a personagem? Mas o fato é que o narrador se alia ao personagem para descrever os sentimentos, principalmente de Alfredo, personagem marcante na maioria das narrativas dos romances amazônicos do CEN.

A obra dacildiana é cheia de poesia, de som de chuva, lama, rios, igarapés e pontes, reunindo tudo isso temos um autor que constrói uma obra densa e capaz de prender o leitor que resolver mergulhar nestes rios e igarapés do Ciclo do Extremo Norte, ou caminhar pelas pontes e vielas das baixadas descritas nos romances para descobrir uma Amazônia literária, cheia de problemas sociais, não só mitológica, ou encantada, ler o CEN é ver o Pará pela perspectiva político/social, sem deixar de lado o mítico marajoara e amazônico.

A crítica literária rendeu ao Ciclo do Extremo Norte e a Dalcídio Jurandir, elogios importantes. Massaud Moises, por exemplo, na *História da Literatura Brasileira* (1989), alega que:

Vasta narrativa de aprendizagem, obedece ao fluxo histórico do tempo, com personagens recorrentes, em meio a outras que saem de cena após cumprir o seu papel. Oscilando entre documentário e autobiografia, colocando lado a lado as

notas psicológicas e as líricas, narra a trajetória existencial de um menino pobre, mestiço, que pouco a pouco descobre o mundo e suas injustas discriminações. O homem perante o universo natural e citadino, num diálogo dramático, que a progressiva tomada de consciência dos problemas sociais aguça, eis, em síntese, a substância desse ciclo torrencial, apaixonado, estuante de vida e movimento.

Como se vê, são as experiências de um povo, bastante em conformidade com o projeto da Academia do Peixe Frito<sup>1</sup>, que se propunha, entre outras coisas, a protagonizar as vozes da criaturada dos pés no chão, e que ganha espaço nas obras de Dalcídio Jurandir; no entanto são as experiências pessoais do romancista que são recriadas, o que demonstra um grande poder de observação e competência de escrita e se engendram nos romances do CEN. Vicente Salles (1978) destaca essas experiências:

Sua obra se baseia, antes de tudo, numa longa experiência pessoal sem, no entanto, carregar seus romances com o pitoresco e o documento exigidos pelo figurino regionalista. Isto é verdade porque Dalcídio Jurandir não mergulha no seu universo regionalista fazendo saltos ornamentais. Ele não extrai qualquer imagem idealizada. As experiências foram vividas e, por isso, permitiram-lhe fazer com autenticidade a literatura do cotidiano, nos campos do Marajó, como também nos bairros de Belém.

Portanto, o universo da obra dalcidiana está relacionado à vida do povo que ele observava, com que ele convivia; a experiência de caos vivida no Marajó e depois na cidade, é ressignificada pelo romancista e propicia a Dalcídio Jurandir escrever sobre temas inerentes a toda a sociedade que ele tão bem conhecida. Esse é um dos atrativos para quem lê a obra deste importante autor paraense, um dos ícones do romance brasileiro do século XX.

## **2.1- A Academia do Peixe Frito – Modernismo e negritude na Amazônia Paraense**

Se o Cânone da literatura brasileira diz que movimento modernista que tem como marco inicial a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo (1922), o que introduz nas artes e na literatura novos rumos de caráter ideológico, político-social e estético para o Brasil. As obras artísticas, sobretudo as literárias, passam a questionar a realidade social e econômica brasileira

---

<sup>1</sup>NUNES, Paulo Jorge Martins, TORRES, Vania Maria Costa. Academia do peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, Jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX/ 40º encontro anual da Anpocs. Minas Gerais 2016.



– sobretudo com o advento do romance de 30, a problemática social vira tipificação e a verossimilhança assume rupturas com a cultura acadêmica e passadista, sobretudo a parnasiana.

Segundo Alfredo Bossi na *História Concisa da Literatura* (1994), afirma:

Se por modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem, se a literatura que se escreve sob o seu signo representou também uma crítica global as estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural.

Esse inconformismo levou os jovens participantes da semana de 22 ao “direito permanente à pesquisa estética, à atualização da inteligência artística brasileira e à estabilização de uma consciência criadora nacional” (Andrade, 1978). Desse modo, toda a inquietação do início do século XX, seja no campo social ou político, endossou as produções dos modernistas também das gerações seguintes, germinando uma verdadeira revolução na realidade brasileira. Segundo Afrânio Coutinho,

Os fatos demonstraram, posteriormente, os integrantes da semana de arte moderna desembocando nos quadros políticos nacionais que vão do P.R.P (Partido Republicano Paulista) ao Estado Novo, que passam pelas correntes fascistas, comunistas e liberais (COUTINHO, 1970, p. 20).

A problemática do mundo moderno, mecânico e mecanizado, no qual a sociedade passa a conviver com o poder das máquinas, cria uma nova literatura, engajada, uma arte nova que busca originalidade e até o polêmico, pensa no futuro, mas sem deixar de criticar os problemas políticos e econômicos, dando destaque aos sociais que são debatidos nas obras modernistas a partir da segunda geração.

No Pará, o Modernismo segue caminho diverso da geração de São Paulo. Podemos afirmar que após experimentações diversas dos Vândalos do Apocalipse e da Academia dos Novos, o novo estilo é introduzido, em 1924, por Bruno de Menezes, com a publicação de *Bailado Lunar*, um livro inovador para os moldes da época. Bento Bruno de Menezes Costa (1893 – 1963), nasceu na cidade de Belém e viveu no bairro do Jurunas, periferia da cidade. Jornalista, cronista, poeta, novelista e romancista, Bruno de Menezes foi um dos fundadores da revista literária *Belém Nova*, órgão de imprensa que se transformou no principal responsável pela divulgação do ideário modernista no Pará.



(Os acadêmicos do Peixe Frito quando eram, nos anos 20, os Vândalos do Apocalipse. Fonte: acervo projeto Academiado Peixe Frito, UNAMA, 2017)

Envolvido com a situação real da população belenense, principalmente os pobres e negros das periferias, Bruno de Menezes reúne um grupo de jovens intelectuais; poetas e jornalistas com o objetivo de valorizar e dar voz aos sujeitos até então invisibilizados pela literatura da região. Este grupo ficou conhecido como Academia do Peixe Frito – APF –, ou Grupo do Peixe Frito, que

Contribui para instaurar a modernidade e a defesa da negritude no norte do Brasil. Os “acadêmicos do peixe frito” faziam contraponto a intelectuais pequenos - burgueses, nos cafés nobres da cidade. Os integrantes da ‘Academia’ escolheram como espaço de encontro as barracas da feira do Ver-o-Peso, discussão “regada” então pela cachaça e pelo peixe frito. (COSTA, NUNES, 2016)

Deste grupo participavam nomes como Abguar Bastos (talvez o mais polêmico de todos que escreve manifestos que estimulam o confronto com os modernistas de São Paulo), De Campos Ribeiro, Jaques Flores e esporadicamente Dalcídio Jurandir, que mantinha estreita relação de amizade com Bruno de Menezes, fundador da referida Academia. Há ainda que se destacar uma figura talvez ainda não valorizada como deveria, a do musicista, professor de violão e encadernador/restaurador de livros, Tó Teixeira. Estes e outros, ao todo 13 membros, em destaque Paulo Oliveira, Rodrigues Pinajé e Gentil Puget, buscavam em suas obras e

manifestos evidenciar a cultura e as vozes da negritude de periferia da cidade – Jurunas, Umarizal, Cremação, Vila da Barca, Telégrafo – que ainda vivia o saudosismo da *Belle Époque*.

A Academia do Peixe Frito representou o ouvir e espalhar a cultura dos arrabaldes (como, então, se chamavam as baixadas), dos terreiros de umbanda, pajelança e candomblé, e das manifestações artísticas do povo, que ganham visibilidade e atenção nas obras desses autores. “Os moços do Peixe Frito” eram das periferias e conheciam a realidade de bairros da periferia, lugares onde vivia a “aristocracia dos pés no chão”.

Segundo Paulo Nunes e Vânia Torres (2016), no artigo intitulado Academia do Peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, Jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX, apresentado no 40º encontro da ANPOCs, “Os Novos deixaram em suas obras, rastros importantes na história do Pará e da produção política (não necessariamente partidária).”Esses rastros são as vozes silenciadas da negritude, de índios e mestiços do interior e pobres das periferias tão caóticas da cidade de Belém, como se lê abaixo:

Do mundo, da felicidade, só vejo mesmo é estazinha José Pio da vala de onde aquele zebu pulou mal-assombrado, a vala da goela no pé da gente, e essa descomunidade aí defronte, o Grande Hotel dos coitados do Ceará mais-mais pobres que não sei onde e que é mais. (JURANDIR, 2017, p. 211)

## 2.2- Negritude

Um dos aspectos que salta aos olhos no conjunto de romances de Dalcídio Jurandir é, sem dúvida, a Negritude. Através desta artimanha conceitual, Dalcídio, além de recuperar sua ancestralidade, faz coro com o projeto da Academia do Peixe Frito. Portanto, conceituar Negritude é uma necessidade neste trabalho. Embora discutir esses aspectos da etnicidade e diversidade cultural seja algo ainda polêmico, uma vez que há divergências de pensamentos dos teóricos sobre o referido conceito. Neste trabalho optamos por um autor que já tornou-se “clássico”, devido a sua clareza de argumentação, trata-se de Kabengele Munanga (1988), que diz a negritude:

Interpretada ora como formação mitológica, ora como movimento ideológico, seu conceito reúne diversas definições nas áreas cultural, biológica, psicológica, política e outras. Esta multiplicidade de interpretações está relacionada à evolução e a dinâmica da realidade colonial e do mundo negro no tempo e no espaço.

Munanga (1988, p. 6) fala de um conjunto de fatores que originam a negritude, históricos, culturais, a negação do embraquecimento que é a aceitação da herança sociocultural quando em reação a intervenção branca na identidade negra. Fala de negritude como movimento não estático, mas de mudanças que se dão principalmente no colonialismo. Mesmo com diferentes conceitos podemos dizer que, negritude é a força e a reação, que vem como resposta ao silenciamento vivido pelo negro na história do Brasil.

O negro, corpo tão importante para a construção do rosto brasileiro, foi ao longo dos tempos sendo excluído daquilo que é seu lugar de direito, o reconhecimento de um dos formadores da identidade desta nação. Sendo assim, autores negros conscientes desta verdade esquecida, utilizam-se de suas obras para dar rosto, corpo e voz à negritude silenciada e renegada, pelo País que traz em suas veias sangue negro, jorrado nas senzalas.

Na região Norte do Brasil, mas especificamente em Belém, a Academia do Peixe Frito é referência na construção da identidade negra, “no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas” (MUNANGA, 2012, p. 20). Daí que, neste contexto, destacamos Dalcídio Jurandir, que reúne em seus romances as vozes de moradores do interior do Pará e das periferias da capital. A negritude paraense, assim como a cabocidade, a ribeiridade, aparecem na literatura dalcidiana, através de personagens tão verosímeis quanto pode-se perceber, no Ciclo do Extremo Norte a presença dos negros é evidenciada na figura da mãe de Alfredo, dona Amélia, Mãe Ciana, seu Lício, Esmeia entre outros personagens que compõem todo o trajeto do Ciclo.

### **2.3- APF na formação de Dalcídio Jurandir e o romance Ponte do Galo**

A formação de Dalcídio Jurandir enquanto escritor tem influências direta do grupo de resistência literária e negra da capital paraense, aqui já citado: a Academia do Peixe Frito, que formada por negros, descendentes de negros e mestiços, sob a proteção de São Benedito da Praia, se reuniam na feira do Ver-O-Peso e arredores, local de efervescência cultural, gastronômica e social. Não é à toa que Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Rodrigues Pinajé, Jacques Flores, Tó Teixeira e o próprio Dalcídio Jurandir reuniam-se ali, onde se encontra a “criaturada dos pés no chão”. É no Ver-O-Peso que toda a cidade se encontra, ricos e pobres, para interagir, produzir conhecimento, comercializar, enfim, comprar os mais diversos gêneros que podem ser sintetizados pelas ervas cheirosas e curativas, farinha, pelo peixe frito e o açáí.

Este grupo que também se autodenominou Academia dos Novos, tinha grande comprometimento com as questões de seu tempo, e parte dele – como era o caso de Dalcídio Jurandir –, com ideologia marxista, os moços, boêmios, artistas, jornalistas, escritores buscavam, enfim, descortinar o Pará com suas mazelas e grandezas. E era no Ver-O-Peso que o grupo encontrava seu cenário verdadeiro. Os pobres, mestiços e negros, afinal, a partir de então, passavam a ter voz nas produções dos integrantes da APF. Toda essa efervescência será refletida em Dalcídio Jurandir, que buscará inspiração na gente humilde, não só do Marajó, mas da cidade de Belém, para a construção de suas obras.

A Academia do Peixe Frito se torna, para os seus integrantes, lugar de convicções políticas, nos textos literários desses moços fica evidente o amor pela cidade, pelo povo e sua cultura, como se constata abaixo:

Daí que se pode inferir que os integrantes da Academia do Peixe Frito em número de 13, tinham consciência de que havia lacunas sociais que precisavam ser preenchidas e isto remetia à ação tanto no campo jornalístico como o da literatura, que preconizavam um novo momento e uma nova categoria que reunisse os anseios que latejavam há algum tempo, mas precisavam tomar forma na escrita e na ação que não estava contemplada pelos grupos abastados que se reuniam em cafés das gentes chiques do centro da cidade (COSTA, NUNES 2016).

Os moços da APF sabiam qual era o seu lugar, lugar ideológico de engajamento e luta, trazendo para a cena cultural os comportamentos e situações da periferia, Dalcídio escolhe representar essas situações vivenciadas na periferia, quando expõe o centro da cidade, espaço de morada dos abastados, ironizando os luxos e futilidades da elite. Porque Dalcídio escolhe representar a periferia e não o centro? Primeiro por causa da influência da APF que na prática menospreza os excessos dos que tinham mais dinheiro, depois porque é na periferia que estão os preferidos de Dalcídio, é nas baixadas de Belém que a força da cultura é viva, pulsante, é nas periferias que a gente simples faz a história.

Os moços do Peixe Frito, advindos, a maioria, dos subúrbios da cidade (e dos interiores do Pará), guiam os leitores de suas obras através do universo sociocultural das baixadas, para redescobrir ou descobrir o mundo real, é uma literatura de denúncia e resistência, pois fala das mazelas sociais e do descaso com os pobres, por meio da literatura com personagens que, embora fictícios, são verossímeis, os quais podem ser vislumbrados ainda hoje nas periferias

de Belém. Estas influências socialistas, do Marxismo e da APF, fazem a obra dalcidiana dar voz aos homens e mulheres e mostra que todos são iguais e merecem serem ouvidos.

#### 2.4- O romance *Ponte do Galo*

O nosso livro corpus é o sétimo livro do Ciclo do Extremo Norte, *Ponte do Galo* é dividido em duas partes; na primeira somos apresentados a Alfredo de férias em Cachoeira, e na segunda parte, Alfredo está em Belém para dar continuidade aos estudos no Colegial. O romance passa-se no início da década de 1920, as duas partes do livro, curiosamente, não são tituladas pelo autor.

De volta ao chalé, em Cachoeira, Alfredo, agora com 17 anos, vai passar as férias com a família; ele já é um ginasião da segunda série. O jovem Alfredo, filho de D. Amélia, negra, e do major da guarda nacional, Alberto Coimbra, branco, tem por parte de sua mãe todo o empenho de fazê-lo estudar na capital, realizando assim o sonho do filho em ter um futuro mais promissor que o de seus contemporâneos cachoeirenses.

No início do romance, Alfredo está na saleta onde o irmão padeceu quarenta dias antes de morrer como observa-se nessa passagem do romance: “de volta ao chalé, pelas férias, Alfredo escancara a janela, enxota o morcego, quarenta noites durou a morte do irmão, [...]” (p. 17) em outra passagem do romance o sofrimento de Eutanázio antes de morrer é narrado: “O canto, ou o coro de adeus e de socorro, despencava as quarenta noites de Eutanázio no chalé e aquelas de Luciana, primeiro trancada, agora em Belém anônima, errante pelo beco escuro.” (p. 190)

Na saleta também ficava a tipografia do pai, ambos tinham a sala como lugar de predileção. Instigado pela mãe a sair de casa para passear, pois a mãe temia que “o filho respirasse ali o destino do morto, se cobrisse de tudo aquilo que cobriu o finado” (JURANDIR, 2017, p. 20). Alfredo, enfim, ao sair para o passeio, cheio de questionamentos e de monólogos internos, entra na casa dos Saraiva, é a primeira vez que ele lá retorna após a morte de Lucíola, a suicida, encontra Dadá, moça viúva e careca, com ela tem um longo diálogo, quando o jovem é atualizado dos acontecimentos na vila, algumas coisas até com um certo tom de fofoca, como é o caso do casamento de Celina, a gaga que tirou o noivo da filha da Duduca (p.28). Neste diálogo é possível perceber o descontentamento de Alfredo com a cidade grande: “Me fartei da cidade dela posso até fazer um mapa, tenho na palma da mão, escrevo o nome dela nesse soalho e cuspo em cima. ” (p. 25) Dadá reclama da cidade que não é mais bela, mas lembra das idas no clube do Remo e dos bailes no largo da Sé (p.25); sente-se farta da cidade de Belém, que não é mais promissora para a família.

Saindo da casa dos Saraiva, entra na taberninha do Salu, “uma caverna de folhetins, romances por toda a parte que o Salu não lia mais” (p. 40) após o sumiço do filho, o velho fica cego e quem faz a leitura dos livros são os cupins: “Mas o tempo tudo come.” (p. 41) Essa frase fecha o diálogo de Alfredo com Salu, todavia os monólogos internos e o retorno a cenas passadas continuam a fluir na mente de Alfredo. Curiosamente, no diálogo estabelecido entre o taberneiro e Alfredo, brotam as referências a clássicos da literatura, como Júlio Verne e a Rainha e a mendiga. Outros personagens aparecem em cena: Didico e Rodolfo, irmãos de Dadá, além de Sabá Manjerona, a única prostituta na vila que tem cama, mas faz ponto no cemitério, no entanto a cama é quebrada por ciúmes de Didico (p.34). “Manjerona encontra a cama partida a machado, estripado o colchão. Na fé que foi obra dos defuntos, Manjerona nunca mais fez ponto no cemitério” (JURANDIR, 2017. P 35).

O diálogo de Alfredo com Sabá Manjerona é a porta de descobrimentos para o jovem, pois ela intermedia um encontro com uma menina da idade dele.

Mas o senhor verde-verde e já pelas noites de cachoeira? Me acuda minha Nossa Senhora, me acuda desse-um já tão cedo. Bem não lhe sou merecedente, lhe ajusto uma, de sua idade, que ela é ainda de dizer: eu deixo por um puro agrado só me dê um pente de mil-duzentos. Olhe que ela nem criou penugem. (JURANDIR, 2017, p. 68)

O encontro acontece e tem uma certa conotação sexual, um encontro ao pé da loucura em flor, cheio de erotismo, é a passagem de menino a homem que se labuzou no maracujá.

E aquela foi trazida, sim e esperou no cercado vizinho do ferreiro onde floria um pé de loucura. Quem és? De onde vens? Escuro não se viam quase, aos poucos foi apalpando aquela aparição, o apertadinho olhar pisca-pisca, o silêncio dela, sempre, mas tão silenciosa, o pente de mil-duzentos, mas teu nome? E era só o dente fora, a exaltação de banho e mutamba, a mão que o apanhou e o levou num voo pelo escuro, e nem uma palavra dela, ar de quemzinho brincava, mais menina, o pé no chão estalando folhas secas, apanha-me, toca-me, estou? Só uma vez perguntou: que folha é essa atrás da orelha? E ela, numa graça; arruda, contra teu mau-olhado, onde aprendeu a perguntar tanto? O ferreiro roncava. E num repente a boca-de-abio larga-se, lhe acena, adeus, correu nem bem sumiu voltou com a saia em cima, como uma bandeja cheia de maracujás. Os dentes de fora rosto dela aquele beijo gomudo, os dentes falando mais que as palavras, a face de quem agora mesmo apanhou sol, e suada num se dar mansinho que ao sobressalto ia acudindo: mas se asserene, se asserene. Que se asserenaram, ela, calada, lhe abria o maracujá lhe dando na boca. (JURANDIR, 2017, p. 69)

Tem também destaque nesta primeira parte, a lenda do Dr. Edmundo que montado num búfalo, rouba as moças de Cachoeira, o reencontro do rapaz com o tio Sebastião – que lhe pede

segredo sobre sua estada ali – a conversa com o tio é repleta de misticismo e de conselhos que o tio negro de Alfredo lhe passa como: “Te cobres de saber, meu sobrinho, que a ciência é o melhor cavalo.” (P. 103) com essas falas significativas, tio Sebastião sai galopando seu cavalo pelo Marajó, ponta a ponta.

Dalcídio Jurandir em todo o CEN destaca a presença feminina. Em *Ponte do Galo* tal presença se torna singular quando ainda na primeira parte da narrativa aparece no jirau a figura de Isabel escamando peixe, o discurso de Isabel para Alfredo entra em consonância com este trabalho, a figura da mulher, pobre e preta, do interior, que precisa trabalhar pelo seu sustento e o da família, como se percebe abaixo:

[...] Eu? Pesquei, sim. Aqueles? Da mea tarrafa, do meu anzol, aqui em casa não tem homem, só nós, saias. Pescamos. Temos nosso jirau, escamamos. Eu? No dia oito de março, intero dezessete. Eu mais? Então, tão cedo, por que tão cedo havia eu de não ser, já nasci descosida? Por preta? Já nasci com a sina? (JURANDIR, 2017. p. 109).

A fala cabocla e a representação feminina se destacam nessa passagem do romance, Isabel, menina de 16 anos, coincidentemente ou não, aniversaria no dia oito de março, que em nosso calendário é a celebração do dia internacional da mulher, tem o nome da princesa que assina a Lei Áurea, mas com um particular, como que a ironizar a História Oficial, o narrador, instruído pelo autor real, cria aqui uma Isabel que é negra e do interior da Amazônia e precisa trabalhar para o sustento da casa, uma vez que nela não há homens só “saias” (mulheres), e ademais sua sina é essa, viver desatada de um sistema, ainda falocêntrico, Isabel é significativa, não só ela, mas todas as “saias” da casa que fazem o trabalho socialmente atribuídos aos homens, como a pesca. A figura de Isabel aparece em *Ponte do Galo* rompendo o machismo e ressoando as vozes dos excluídos, principalmente mulheres do interior.

O tom de denúncia nos romances dalcídianos, que são ficcionais e ao mesmo tempo documentais, demonstram o retrato social de uma época. Neste sentido, Alfredo, ainda em Cachoeira, encontra, em suas caminhadas pela vila, a moça de vestido velho que está grávida (p. 110) do seu próprio pai e vai vê-lo na cadeia. Sabe-se, por informação do narrador, que a população bateu nele e ao chegar na cadeia, foi “linchado” pelo capitão, o médico da cidade não quis ir vê-lo, apenas a mãe de Alfredo, que não pôde fazer muita coisa, o homem morre em cima de uma esteira (p. 114).



A relação incestuosa que resultou na gravidez da jovem adulta é o tema dessa passagem do romance, mas também o ato de gentileza da mãe de Alfredo que cuida do moribundo e dá cuidados à filha do agora morto (p. 115), Dalcídio entremeia a realidade do interior à vivência de seus personagens, denunciando nossas mazelas sociais: o ato de engravidar a própria filha é visto como “poder do maléfico” e gera na sociedade cachoeirense a pior das iras, por isso o homem é “linchado” pela população. Todavia a filha perdoa o pai, já morto (p. 116). Dalcídio, através de seu narrador, chama atenção para a maldade humana, que muitas vezes impera no seio familiar, como a violência sexual e outros temas polêmicos, os tabus, os interditos sociais. Com o que para distensionar o enredo, o narrador coloca a mãe de Alfredo com ato de bondade, fazendo contraponto ao ato de “justiçamento” do povo, mesmo Dalcídio não professando o Cristianismo, ele instrui o narrador para um discurso de misericórdia na fala do carcereiro:

[...] Pagou demasiado, demais demasiado. Ora é só a Deus que assim se paga. Por maior que seja o mal, contra o mandamento, contra o próprio sangue, o castigo é divino, que humano não é. Nós, os pequenos, não podemos. Isso é muito perigoso diante de Deus. ” (JURANDIR, 2017. p. 114).

Os diálogos de D. Amélia em *Ponte do Galo* são afetuosos e mostram todo um cuidado da mãe para com o filho. A mãe de Alfredo é a grande representação da negritude no romance, é uma negritude cabocla, de “fina formosura de preta e uma naturalidade tão sem segredos” (p. 117). Desse modo o narrador descreve como Alfredo olha para sua mãe em *Ponte do Galo*, ela, desde Belém do Grão-Pará, já passara por um processo de redenção aos olhos do filho e não é mais aquela alcoólatra e negra que o rapaz não aceitava.

O drama de Alfredo em *Ponte do Galo* é o desanimo com o ensino vivido no ginásio, ensino imposto e obrigado a assimilar, no diálogo com a mãe o desgosto de Alfredo vem à tona, pois no ginásio as coisas são diferentes de como ela pensa; o jovem ainda lembra do trote vivido, das aulas de desenho que ele é obrigado a sair por não ter material. Além da culpa e remorso que o rapaz sentia em estar ocupando o lugar de Luciana, no ginásio e na casa da dona Dudu. A mãe de Alfredo termina a história do “velho e o lilás” que ela não havia terminado. Assim conclui-se a primeira parte da narrativa e inicia-se a segunda parte do livro, com o diálogo de mãe e filho, um afetuosos diálogo entre Alfredo e dona Amélia.

A segunda parte é o retorno de Alfredo à Belém, para dar continuidade aos estudos. Diferentemente do que ocorrera em *Belém do Grão-Pará*, que ele transita pelo centro da cidade,

aqui, em Ponte do galo, como sugere o título do romance, ele anda somente pelas periferias e baixadas da cidade, principalmente nos bairros próximos à Ponte do Galo. A cidade perdeu o encantamento, agora é feia e decadente, cheia de lama e pontes.

### 3- Espaços e personagens – fisionomia (O circuito de Alfredo e seus mapas)



(Belém, fonte: <https://fauufpa.org/2015/06/05/mapa-de-belem-19471948-por-mayr-sampaio-fortuna>, acesso, 05/06/18)

A cidade de Belém no fim do século XIX, com período áureo da borracha (1850-1912), ganha ares de metrópole, buscava-se vender para o mundo a imagem de cidade moderna, uma cidade que distancia-se da ideia corrente de exótico, florestal e indígena. Na região Amazônica, a riqueza da borracha ergueu verdadeiros monumentos à beleza e ao luxo, como o Teatro da Paz em Belém e o Teatro Amazonas em Manaus.

O afrancesamento de Belém se deu pelas classes dominantes para as classes dominantes, que graças à riqueza advinda da extração de borracha pôde ser privilegiada e ter seus anseios atendidos pelo governante que deu forma a este projeto de europeização, o intendente Antônio Lemos. A elite composta por seringalistas e comerciantes que, seguindo a tendência da época, queriam transformar Belém na Paris da América. Todo esse movimento capitalista para a

cidade, exigiu das autoridades da época a modernização da área urbana. A urbanização se dá por meio do intendente, o qual com o objetivo de modernizar, sanear e embelezar Belém, organiza a área central da capital aos moldes de Paris, ele arborizou as ruas, construiu monumentos, bulevares, praças e bosques, implantou, em 1869, bonde elétrico, o primeiro sistema desse nível no Brasil, implantou o Matadouro modelo e construiu o mercado de ferro do Ver-O-Peso. Dessa forma, a cidade europeia em plena a região amazônica atraiu também trabalhadores, imigrantes do nordeste e de outras regiões do Brasil e até estrangeiros, que encontram na exploração do látex e nas obras de infraestrutura da cidade melhores condições de vida, mas os pobres, negros, indígenas e caboclos, além dos imigrantes sem poder econômico, não tiveram acesso, sequer, à riqueza que a maioria deles ajudava a construir e assim foram obrigados a transferirem-se para áreas periféricas da cidade, na época bairros como Umarizal, Cremação, Pedreira, Vila da Barca, Telégrafo, entre outros.



(Fonte: [www.edmilsonrodrigues.com.br](http://www.edmilsonrodrigues.com.br), acesso, 20 de maio de 2018.)

No entanto, o desfecho dos tempos áureos da belle époque é de decadência, a economia da cidade que viveu suntuosamente declina. Belém com novos traçados urbanos, perdeu todo o brilho e o glamour, aumentando a massa pobre, que foi relegada às periferias e é obrigada a conviver com a falta de infraestrutura, água, esgoto, coleta de lixo e problemas de saúde. As periferias tornaram-se o lugar de negros, descendentes de indígenas, caboclos do interior, de imigrantes nordestinos e estrangeiros, que sem emprego, viviam de forma desumana, sobre as palafitas, amontoados nas beiradas dos canais e igarapés que recortavam a cidade. Esta exclusão passa a nos interessar na medida em que ela, em conformidade com o que pensavam os

acadêmicos do Peixe Frito, irá gerar a matéria que provocará autores como Dalcídio Jurandir, o qual fará destes “arrabaldes”, o espaço de preocupação de sua ficção.

Valendo-se de todo esse contexto histórico, Dalcídio Jurandir constrói romances urbanos que não só retratam o centro, mas a periferia, com profundidade e verossimilhança. É nos subúrbios que estão os excluídos, os prediletos de Dalcídio, isso por questões ideológicas, demarcadas pelo socialismo do Partido Comunista (PCB) e pela opção da Academia do Peixe Frito (APF), nosso autor utiliza-se dessa temática, muito presente em autores de origem marxista, pois, buscavam mostrar as contradições do capitalismo no Brasil e seus problemas sociais, sem, no entanto, perder a qualidade literária. Dalcídio dá voz a “aristocracia dos pés no chão”. O romancista apresenta isto de maneira bem representada em *Ponte do Galo*, pois a segunda parte da narrativa é toda contextualizada na periferia de Belém, em torno da ponte que dá nome ao romance, localizada no bairro do Telegrafo, “é um lugar no meio do caminho entre as baixadas de Belém e o ponto de embarque para a ilha de Marajó, de onde ao longo de todo o século XX vieram grandes contingentes de migrantes, que acabaram formando o extenso cinturão de pobreza em torno dos bairros centrais” (BOLLE, 2015). Este espaço emblemático da periferia da cidade, demarcado pelo preconceito e fama de violência, é ressignificado por Dalcídio Jurandir com suas particularidades, personagens e tipos. A partir de agora trataremos mais amiúde do referido romance.

### **3.1- Ponte do Galo cenários de Belém**

*Ponte do Galo* é um romance de descobrimento, de encontros, onde o “menino do interior vira rapaz urbano”. No enredo desta narrativa, vemos Alfredo, o protagonista do romance, vivenciando vários ritos de passagem. Alfredo vive uma espécie de trânsito entre a escola e a rua, adquirindo assim saberes os mais diversos, donde se perceberá um conflito entre os saberes escolares e da rua, que se intensificam, drama sentido pelo personagem desde o romance *Belém do Grão-Pará*. Na segunda parte da narrativa, o rapaz dá continuidade aos seus estudos; a cidade pouco a pouco mostra-se contraditória e já não é mais encantada para ele, menino que chegara anos antes no porto do Ver-O-Peso, agora ela revela-se repleta de vida, numa dinâmica bastante diferente de quando ele morava com os Alcântara, na Gentil 160, ou na Estrada de Nazaré 34.

As personagens belenenses que destacam-se na trama são Dona Santa (parteira), a filha dona Dudu (costureira); as netas Ana e Nini; Dona Brasileira; Zuzu em baixo da jaqueira, Esméia, com seu desejo recorrente de entrar na casa do Delabença. Em torno destas

personagens é que Alfredo gravita, como observador de comportamentos e desejos humanos mais profundos. Pode-se assim afirmar que estas são algumas das principais personagens do núcleo belenense do romance.

Dona Santa e D. Dudu, uma é irmã e outra é sobrinha do Coronel Braulino Boa Ventura. Não é demais esclarecer que no romance *Primeira Manhã*<sup>2</sup> Dona Santa é quem abriga Luciana, porém a menina foge e não é mais vista, só em *Ponte do Galo* que o paradeiro dela será revelado, quando em uma espécie de digressão Alfredo ouve Luciana: “Pedi o Ginásio, me deram uma porta da vida na Padre Prudêncio.” (p.46) Dona Santa é parteira e anda pela periferia fazendo mulher parir e benzendo com raminho a arca caída. O nome Santa remete à religião cristã, onde aqueles que em vida fazem o bem, ganham no céu a sua morada. D. Santa é, para as baixadas por onde ela anda, sinônimo de bondade. Em uma passagem do livro, a velha parteira, que após realizar um parto, remendar a junta de um compadre e rezar em uma doente, recebe dois mil-réis, um ovo, e a promessa de uma caixa de sabonete que dará às netas, quando receber. O ovo ela dá para Alfredo que engoliu com avidez a gema (p.171).

A figura feminina e principalmente negra é destaque nesta segunda parte do romance, Dona Santa, é também uma caminhante das periferias, embora suas caminhadas se devam à procura que ela faz das netas órfãs, Ana e Nini que sempre perambulam pela noite atrás de um velório (p.172). A força da natalidade é fixada em D. Santa e a mortalidade da periferia é representada pelas meninas, a todo momento convidadas para os velórios (p. 172). A tia D. Dudu continuamente desconfiada das órfãs, que segundo ela tinham um fogo dentro delas (p.169), mas D. Santa sempre defendendo as netas dizia que o gênio arteiro e as travessuras das duas era por causa da pouca idade e logo iria passar. Outra personagem de destaque é Dona Brasileira (taberneira) que é uma mulher alta, vendedora de contrabandos, ou seja, ela sonegava impostos, corrupta, é muito influente com as autoridades da cidade, garantindo assim segurança em seus negócios. É uma personagem contraditória, gosta das leis, e tudo que cheire a justiça é com ela (p.158), porém não respeita as leis, é bem “brasileira”. O autor emprega a palavra brasileira referindo-se ao Brasil, como nome da personagem para falar de uma problemática. Dona da janela cor de rosa, observa tudo que passava na José Pio, “dali da janela, D. Brasileira fazia a sua torre e seu mistério.” (Jurandir, 2017. p. 166).

---

<sup>2</sup>O conjunto de romances de Dalcídio Jurandir se dá de modo sequencial, como um romance rio, em que o personagem Alfredo transita em 9 das 10 narrativas; daí porque perceberemos que alguns episódios vivenciados por alguns personagens serão retomados ou esclarecidos em outros romances.

Zuzu é outra personagem deste núcleo, filha de Dona Quitéria (viúva), também mãe de dois rapazes, todos moram perto da fábrica de papel em uma puxada velha caindo aos pedaços, sem frente, nem porta. (p.181) durante as andanças de Alfredo ele sempre encontra Zuzu em baixo da Jaqueira quase nua, ela desejava trabalhar na fábrica de papel no fim da rua José Pio, todavia não havia vaga. A pobreza da periferia é representada no romance pela personagem Zuzu, a qual nem moradia digna tinha, morava em um barraco destelhado e trapos no corpo era o paraíso da “Eva da jaqueira” (p.207). Ainda nesta primeira passagem do enredo, já nas páginas finais do romance, o diálogo de Alfredo é com Esméia, que tem como sala o jasmineiro no portão, e nunca teve documentos com o seu nome, (p.213) ela desejava ter sido levada pelos tucanos invasores da cidade, para fugir da situação de pobreza na qual vivia. Ela pede para Alfredo deixá-la visitar o palacete do coronel Delabença no fim da Ponte do Galo. Por ser negra, ela nunca foi convidada para entrar, nem neste e nem no outro palacete que outrora ali existiu como propriedade dos Juruenas (p.215). A fada negra do jasmineiro (p.216) entra com Alfredo na casa, e na saída são surpreendidos por Ana, que os vê saindo pela janela.

### 3.2 A fisiognomia da cidade e o *flâuner*<sup>3</sup> da periferia

Para se interpretar as representações da cidade de Belém, e a opção do do narrador (em comum acordo com o personagem Alfredo) pelas periferias da cidade, fizemos a opção pela teoria defendida por WilliBolle (2000), Assim é que o método de análise aqui aplicado denomina Fisiognomia, considerando a cidade como espaço principal de experiência da modernidade (BOLLE, 2000, p.40.), e a resultante arte de escrever a história como imagens urbanas. Bolle esclarece-nos que ‘fisiognomia’ é um neologismo o qual Walter Benjamin emprega para falar dos retratos de cidade da sua época.

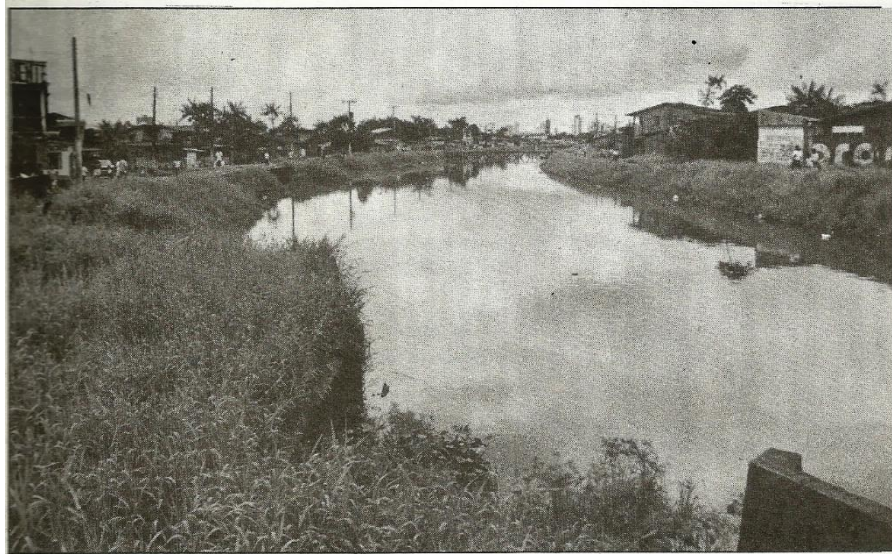
Escreve WilliBolle, no seu **Fisiognomia da Metrópole Moderna** (2000) que a “fisiognomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da Modernidade.” (p. 18) Bolle ainda observa que os ideais da modernização de um lado, e do outro o atraso e a barbárie real aumentam a pobreza e a miséria

---

<sup>3</sup>É inevitável, diante desse desvelar de modernidade, contido nas páginas dalcidianas, citar Walter Benjamin e seu estudo sobre o *flâneur*. Ao comentar o uso que os folhetins faziam das fisiologias urbanas, afirma: A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa, tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivainha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas onde, após o trabalho, observa o ambiente” (Benjamin: 1994:35).

da população mundial. A cidade moderna está sujeita a ter uma fisionomia paradoxal, pois após a revolução industrial, as metrópoles passam a ter grandes aglomerados humanos em busca de emprego e comida, o que causa grandes diferenças na “face” da metrópole, trazendo de um lado a riqueza e o progresso, e ao mesmo tempo a miséria e a pobreza dos excluídos pelo sistema.

A periferia, dessa cidade moderna e contraditória, é o caminho escolhido pelo narrador em “solidariedade” às necessidades de Alfredo, os bairros do Umarizal e Telegrafo, Reduto (este último localizado nos arredores do centro histórico), são os principais percursos do jovem em *Ponte do Galo*, e retratam a fisionomia opcional da cidade, que, se considerada pelo espaço em que habitam as personagens de Ponte do Galo é feito de lama, valas, capins nas beiradas dos canais, pobreza e abandono pelo poder público que não se importava com os cidadãos das periferias. É bom lembrar, que em alguns bairros de Belém existiam vacarias, que se de um lado contribuía para o ambiente caótico e insalubre, davam aos mais pobres possibilidades de conviver com um custo de vida mais barato. Podemos dizer que foram as experiências de Dalcídio Jurandir, o socialista ligado à APF e ao PCB, que o fizeram retratar a cidade com seus tons vibrantes e que se aproximavam do cotidiano das gentes mais humildes.



(Fonte: FEITOSA, Dantas de. *Macrodrenagem e Água Potável em Belém do Pará*; Documentário Histórico-Cosanpa. Belém, Multisoft, 1994. / <http://blogdatese.blogspot.com/2013/09/universo-de-pesquisa-o-que-e-bacia-do.html> acesso 19 de maio de 2018.)

As imagens descritas no romance são de uma Belém pós *belle époque*, com um inchaço, um aumento demográfico de caráter substancial. Assim é que ocorre o flamar de Alfredo, justamente nestes bairros afastados do centro de Belém, onde a experiência humana é rica e dinâmica, conforme se atesta no romance.



[...] Ela agora está de cama e pucarina. Jarra e penteadeira, o escudo do clube do Remo na parede e o tajá na janela as quatro da tarde, sexta-feira, o Utinga apitando, com nhá Veríssima defronte retirando da estaca a bandeirinha de açafá. Desce do bonde escuro e de branco o professor Tó que ensina violão à D. Brasileira. [...] (JURANDIR, 2017. P. 157)

Ponte do Galo tem como destaque um entre lugar divisado Telégrafo e o Umarizal<sup>4</sup>, uma vez que Alfredo está abrigado, na **rua José Pio**<sup>5</sup>, situada no Telégrafo, mas em espaço limítrofe entre os dois bairros. Nas proximidades, exatamente na **rua do Curro** estava o **matadouro da Cidade (Curro Velho)**, e outros locais que são destacados pelo narrador, tais como a **rua Municipalidade** por onde **passava o bonde**, o **campo do Aston Ville**, o **largo da Penitenciária**, a **Igreja de São Raimundo**, **Rua do Una**, que compunham a região limítrofe do Telégrafo com o Umarizal, seus capinzais, valas e alagamentos, espaço habitado por imigrantes nordestinos, descendentes de indígenas e negros, empurrados do centro da metrópole. Noutro bairro, o do **Reduto**, ficava o **Igarapé das Almas ou das Armas**, caminho de Alfredo para ir ao **Grupo Escolar Barão do Rio Branco**, localizado no bairro de Nazaré, próximo à Basílica. No **Telégrafo** estava a emblemática **Ponte do Galo**.

Sabendo que o *flâneur* é um caminhante, termo originário da literatura de Baudelaire, assim escolhemos a caracterização elucidativa de Edmund White, que diz:

O flâneur é, por definição, um ser dotado de imensa ociosidade e que pode dispor de uma manhã ou tarde para zanzar sem direção, visto que um objetivo específico ou um estrito racionamento do tempo constituem a antítese mesma do flâneur. Um excesso de ética produtiva (ou um desejo de tudo ver e de encontrar todo mundo que conta) inibe o espírito farejador e a ambição de ambulante de “esposar a multidão”. (WHITE, 2001, p. 48)

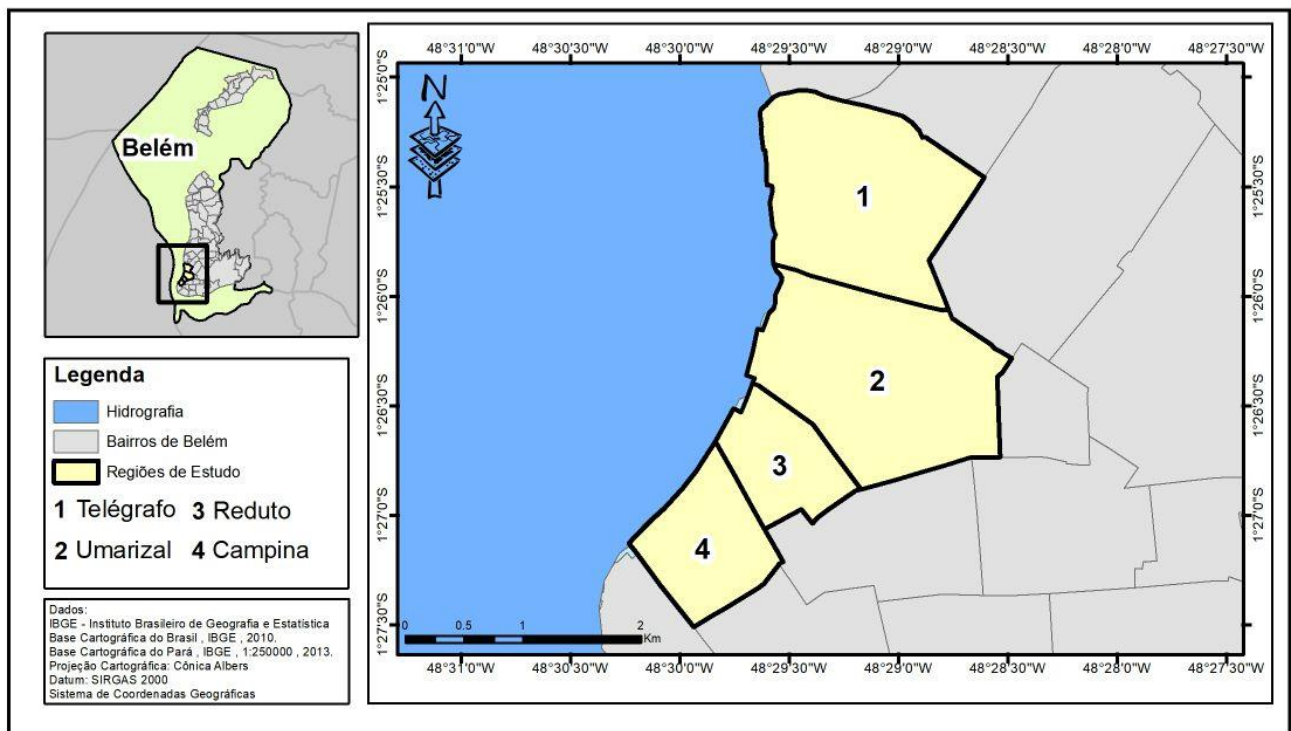
Adaptando-se o conceito à vontade deste trabalho, podemos dizer com certa arbitrariedade (uma vez que o *flâneur* é um ser de origem abastada que não se preocupa com a sobrevivência na Paris de fins de século XIX) que Alfredo é este, ser, dotado de curiosidade e vontade de caminhar, observando tipos e cenas urbanas. Podemos perceber que em todo o CEN é a curiosidade, associada ao aprendizado das ruas, que o fará crescer a partir das experiências e conversas com os outros personagens. Ele é nascido das multidões de águas e rios que, ao

<sup>4</sup>Diferentemente do que se vê hoje, o Umarizal era considerado até a década de 40 do século passado, o bairro dos Pretos; Com explosão imobiliária, desde a década de 70 do século XX, o Umarizal aburguesou-se, fazendo-se morada da classe média abastada de Belém.

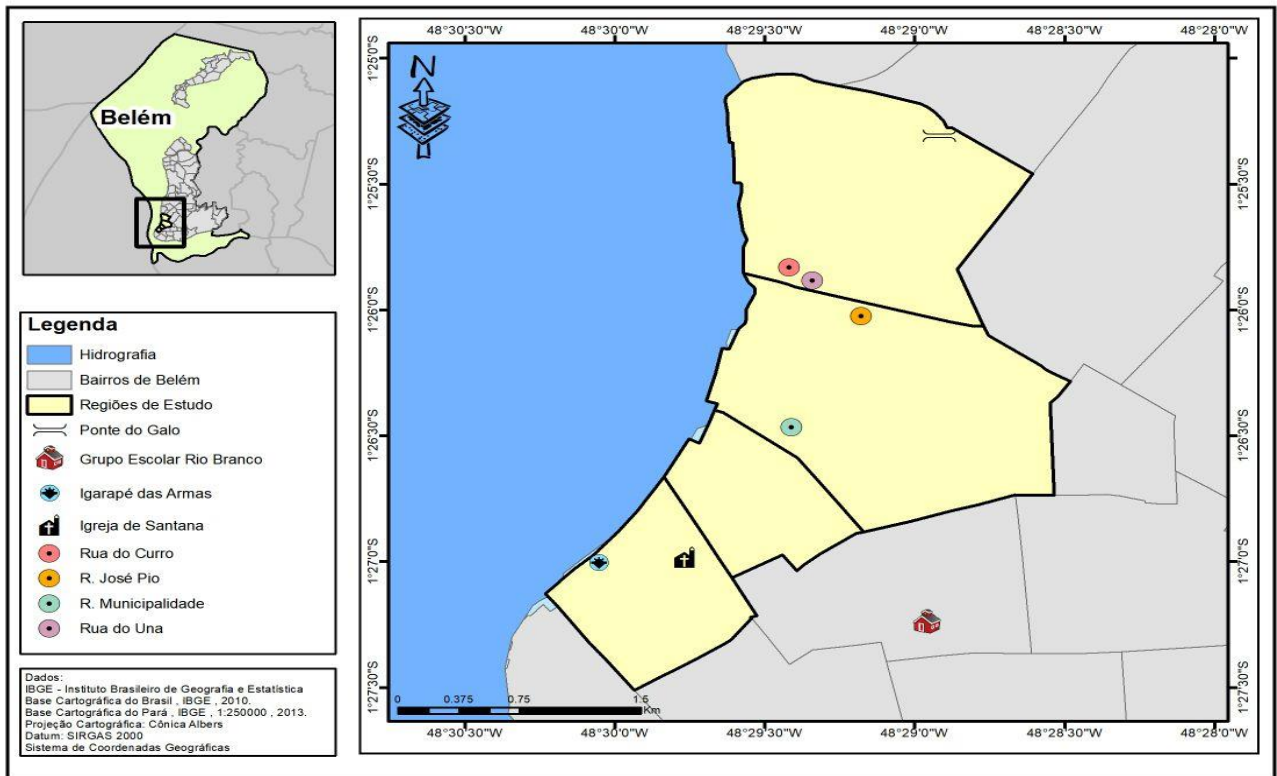
<sup>5</sup> A partir de agora, para facilitar a localização, os nomes de espaços urbanos e ou logradouros serão grafados em negrito para enfatizar a importância deles no enredo do romance estudado.

longo Ciclo do Extremo Norte, passará também a ser um menino das chuvas, elemento de forte significação simbólica para o cotidiano de Belém. “Nestas chuvas, nestas caminhadas do Ginásio, passando pela igreja de Santana para olhar o pé de São Pedro e a chave, várias noites rondava a taberna e nem uma vez mais lá em cima no suspiro.” (JURANDIR, 2017, p. 204)

No enredo do romance *Ponte do Galo*, temos, como já foi aqui mencionado, as (Caminhadas de Alfredo seguindo na direção dos bairros do **Umarizal**, **Telégrafo** e **Reduto**. Assim podemos “desenhar” o trajeto de Alfredo na fisionomia de Belém, assim disposta:)



Abaixo percebemos a figuração dos trajetos de Alfredo, deslocando-se nos bairros da cidade que mais são destacados no enredo de *Ponte do Galo*: Telegrafo, Umarizal, Reduto, Campina. Alfredo desvenda a cidade e seus personagens mais instigantes, a gente dos arrabaldes configura uma mostra farta do projeto político e estético socialista, donde a Academia do Peixe Frita e o PCB alimentam o autor empírico, Dalcídio Jurandir, a representar a gente humilde da Amazônia paraense.



### O bairro do Umarizal (Municipalidade e José Pio)

A rua onde ficava o palacete que Alfredo morava é a rua José Pio, localizada no bairro do Umarizal que

Data de meados do século XIX sua existência enquanto espaço habitado, José da Gama Malcher, duas vezes Intendente Municipal (1849/1868 e 1876/1882) abriu em 1880 as ruas do bairro do Umarizal, porém foi no ritmo das mudanças que se efetuaram na cidade, que este adquiriu uma identidade como bairro periférico, de paisagem degradada, onde proliferavam as valas, capim, enchentes e aningal, dificultando o ir e vir das pessoas. (RODRIGUES, 2003 - Bairro e Memória: Umarizal das vacarias aos espigões.)

O nome do bairro é originário do umari, que deviam frutificar as árvores que caracterizavam a área. (CRUZ, 1992) o bairro também era chamado de bairros dos pretos, muito provavelmente pela grande presença de negros naquela região, ainda periférica, mas já industrializada como o romance apresenta, com a Fábrica Grão-Pará de Sacos de Papel (p. 183), atualmente o bairro é *point* de casas abastadas, de bares e restaurantes e prédios modernos e muito luxuosos, e está na região central da cidade, porém segundo Antônio Rocha Penteado em Belém do Pará (Estudo da geografia Urbana) de 1968, o Umarizal era um bairro de transição “pela posição que ocupa no quadro urbano de Belém, se tornou um ponto de passagem obrigatória para os que dos bairros do Telegrafo Sem Fio, Sacramento e Pedreira demandam ao

centro da cidade e vice-versa.”. Essa transição é feita por Alfredo e as demais personagens do romance:

Varou o **Una** (rua) atrás dela, quem sabe até a porta de Luciana? [...] andavam era no **Sacramenta**, fazendo velório, à cata de doente mal, brincando de gato podre nos quartos de anjo, coisa que prendesse durante a noite as pessoas presentes, a família enlutada até que agradecia. Varavam pela **Pedreira** pelo mesmo caminho que viajavam as duas senhoras e o calouro (Alfredo) naquela noite. (JURANDIR, 2017. P. 170)

Ruas como a do Una, a Municipalidade por onde passava o bonde e a rua José Pio endereço de Alfredo, ganham destaque no romance: “Agora na José Pio, chuva, chuva, chuva, naqueles bailes mortos sustentados, a casa trancava-se. (p. 176). Corriam descalças pela Municipalidade, dando adeus para o bonde cheio de marujos, as netas da velha parteira.” (p. 201)

### 3.3- O Curro Velho (hoje bairro do Telégrafo)



(Fotografia sem autoria e datação pertencente ao Acervo Digital do IPHAN, acesso em 19 de maio de 2018)

Na José Pio, a passar, fazia de conta que morava numa das três casas altas da Rua do Curro... (p. 200) Terá de dar volta, amanhã, pelo Una, pega a Travessa do Curro, entra pela São João, no rumo, sempre incerto, do Liceu. (p.208)

O prédio do primeiro matadouro de Belém, dito Curro Velho, localizava-se no fim da rua do Curro, porém a afirmativa de que era um bairro fica aqui comprometida, alguns historiadores como Ernesto Cruz (1992), classifica-o como travessa, onde ficava o curro, para o abate de galo que servia de alimentação a cidade de Belém. Cruz ainda diz que com a saída do matadouro da daquela área indo para vila de Pinheiro, hoje Icoaraci, o prédio perdeu a utilidade ficando somente a tradição, o velho matadouro situava-se também no fim da linha do

bonde, o qual trazia na sua tabuleta a palavra Curro. Denominação que o povo jamais esqueceu (Cruz, 1992, p. 76). Essa denominação aparece no romance *Ponte do galo* como pode-se observar:

Às onze no relógio da Port Of, apanha o bonde do Curro, entram de salto os estivadores, entra a moça que fez, esta horinha, naquele hotel de moringa e planta na janela, sua estiva. Bonde repleto de sono e esfalfados. Menos este, insone, infatigável, descendo na José Pio. (JURANDIR, 2017, p. 197)

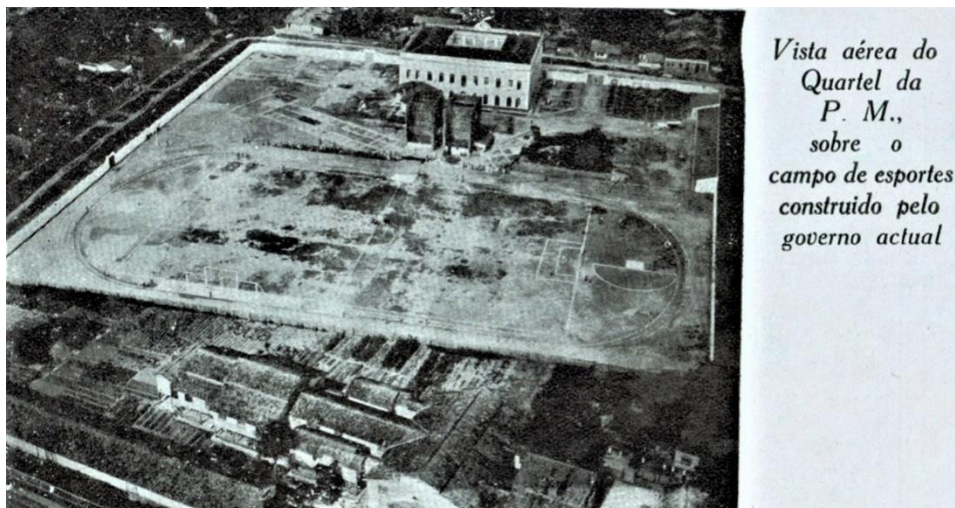
Também é possível identificar na leitura de *Ponte do Galo*, a presença do Largo da Penitenciária, ou o campo de Aston Vila Football lugares com um passado histórico ainda pouco conhecido:

As duas netas atravessavam o Largo da Penitenciária, agora campo do Aston Vila Football Club fundado por um moço que os ingleses da Booth Line levaram para a Inglaterra, trazido de volta com seus sapatos brancos, linho branco, intérprete, Belém Manaus no vapor “Hildebrand”, linha da Europa, rajado a rigor no jantar a bordo pelos estreitos de Breves (Jurandir, 2017, p. 167).

No Largo que ficava em frente ao prédio abandonado da penitenciária e servia de morada para pobres, negros e imigrantes do Ceará (p. 211), Alfredo continua suas caminhadas ora em busca de Luciana, ora em busca das netas da D. Santa, o narrador nos apresenta a fisionomia da periferia, simbolizada pelo prédio emblemático no Umarizal, ainda hoje em pé, pois abriga a reitoria da Universidade do Estado do Pará.

Também subiu a penitenciaria. Subiu urgente: de uma janela, lá em cima, da penitenciaria ficava sempre aquela mulher olhando para a casa do coronel Braulino, tardes. [...] Era uma tarde alta e limpa, os urubus sobre a vala defronte da taberna, foguetes no Una, a bola no treino do Aston Vila, subia como um surdo grito escuro, o navio do Loide passando no Guajará. Alfredo entrava, subia, quanto Lance nesta escada, o sombrio esqueleto da obra abrigava uma gente que se escondia nos cubículos. Aqui também moravam ladrões? Ou profetas? (JURANDIR, 2017. P. 199)

Nesse fragmento do romance, temos a descrição dos arredores onde ficava a casa da D. Brasileira em frente ao Largo, próximo a Municipalidade. Outro tema levantado neste fragmento é a situação da moradia, o povo acaba se abrigando no esqueleto da obra.



As imagens são do site da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA que em uma pesquisa fala da possível penitenciária ali existente com seus padrões arquitetônicos da época, porém a construção não foi a diante ficando só o prédio do chamado castelinho da UEPA, como se lê:

A partir da interpretação dos dados contidos em jornais de época sobre o plano panóptico desenvolvido pelo engenheiro Henrique Américo Santa Rosa à Penitenciária do Estado do Pará. [...] Trata-se do projeto original parcialmente edificado durante o governo de Lauro Sodré (1891-1897) que em 13 de fevereiro de 1896 teve o fechamento de sua abóbada segundo a *Folha do Norte* de 14 FEV 1896 [...] A suntuosa obra de custos elevados não prosseguiu nos governos subsequentes, nem mesmo na segunda gestão de Lauro Sodré

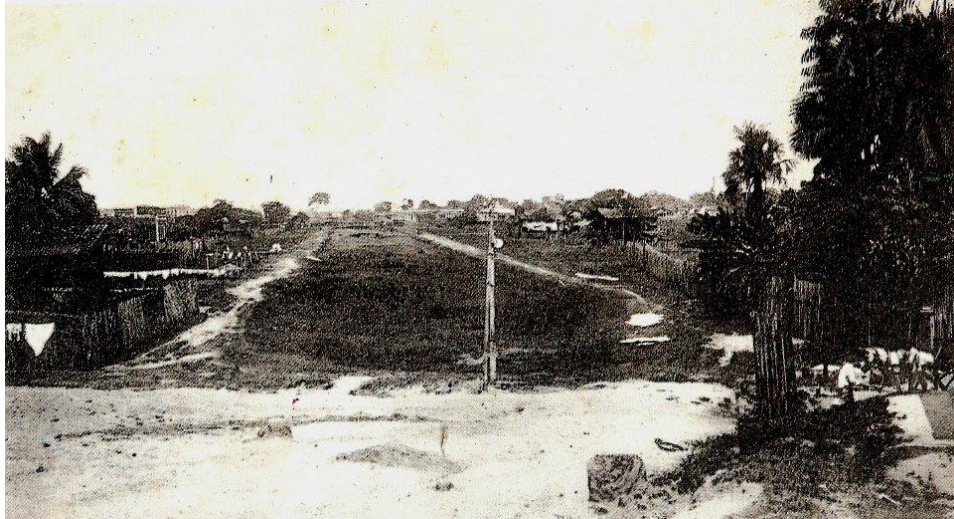
(1917-1921) quando sofreu adaptações e transformou-se em *Hospedaria dos Flagelados*.

Por meio de detalhes históricos vemos como Dalcídio, alinhado ao projeto da Academia do Peixe Frito, traz em sua narrativa a história da cidade para a valorização de lugares e memórias dos sujeitos humildes de então. Como, em uma outra passagem do romance *Ponte do Galo*, temos outro cenário, símbolo representativo nesta fisionomia da periferia, na verdade é a ligação da periferia com o centro da cidade; o chamado igarapé da Armas ou das Almas, lugar mítico e simbólico para a Belém descrita no romance. “E assim se aguenta a ponte por onde passa o bonde o subúrbio da Pedreira, o São João, gente do Umarizal, Pinheiro, todos que moram na Ponte do Galo, e a parteira, às vezes Mãe Ciana, e Alfredo a pé para o Liceu...” (JURANDIR, 2017, p.188) O narrador, ao descrever essas cenas, constrói a cidade que o jovem Alfredo tem aos pés para o leitor que conhecerá, por meio da literatura, a história da capital paraense e seus símbolos. Vejamos:

[...] Deu um giro pelo Igarapé das almas, meu Deus com nariz neste aningal encharcado, estas casas cabeceiam, maré espirra por baixo dos soalhos. Aqui, no Ipiranga das Almas, contam tinha, ou tem, uma corrente, moradia de caboclo, um caruana debaixo, bem debaixo desta ponte. A ponte era se pôr em pé logo arriava, os engenheiros não atinando. Veio um de sessão e vidência, um maioral lá da Pedreira, que invoca o índio da pena real, pena verde da arara real, e pede uma audiência às autoridades... (JURANDIR, 2017, p.187)

Sobre a contrariedade do nome do igarapé, das Almas ou das Armas, o próprio narrador dá uma explicação:

O Igarapé se mete barriga a dentro da cidade, voltando escuro-escuro, podre. Da ponte se vê a torre da Basílica, o casario se aconchegando no arvoredado e ali perto, como meninos abelhudando os telhados, os açazeiros de quintal. Este igarapé e das armas ou das almas? Das Armas dizem os doutores. Das Almas, diz Mãe Ciana, confirma a parteira. (Jurandir, 2017, p.188)



(Igarapé das armas, hoje Docas de Souza Franco no início do século XX

fonte: <https://www.flickr.com/photos/unimovel/6301676357> acesso em 18 de maio de 2018)

Enfim temos a ponte que dá título ao romance, a Ponte do Galo, Dalcídio escolhe um nome simbólico para dar ao *flâneur* da periferia o rito de passagem definitivo de menino para o rapaz que “é incitado, a novas experiências com as ruas, quando ele confrontará o saber escolar com a ‘sabença’ da vida prática e cotidiana dos subúrbios, experiência que lhe despe da ingenuidade que lhe ainda persistia no menino cachoeirense, enfronhando-o, cada vez mais, nas complexas e sedutoras senhas da capital do Pará.” (NUNES, 2017, prefácio da segunda edição de Ponte do Galo), ponte de interligações e andanças de Alfredo, leiamos:

Do Igarapé das Almas, a pé, até a ponte do Galo, esta noite, quantos passos? Passos, não. Mas sentimentos, quantos? Quanto Alfredo nascendo e morrendo em mim, sem que aceite e escolha um, que o outro em mim pressinto ou me atribuo e não é, anda aonde? (JURANDIR, 2017, p. 188)

É a ponte que possibilita a Alfredo o crescimento e toda a experiência nas periferias, ponte que interligava os bairros do Umarizal e Telégrafo aos bairros da Sacramento e Pedreira, mas é também a ponte que interliga nosso personagem a si próprio, que aceita sua mistura inter-racial e dá voz as vozes silenciadas nas periferias, assim como o galo que no romper do dia ressoa seu canto alto para todos, a literatura de Dalcídio é para todos, pois fala de todos, negros, brancos ricos e pobres que na Ponte do Galo vivem seus trânsitos diários.



### 3.4- A interpretação narrativa segundo Luiz Gonzaga Motta

Narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade, de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude- quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (MOTTA, 2013, p. 74).

A vida cotidiana de homens e mulheres, moradores do interior do Pará e das baixas da capital dão a significação a narrativa de Dalcídio Jurandir, dramas, conflitos, momentos históricos da sociedade belenense dão fluxo ao texto ficcional, que o narrador organiza ao longo de todo o CEN, fazendo com que o leitor seja levado a conhecer a partir das páginas dos romances a região amazônica, com os costumes, saberes, narrativas e mitologia, mas acima de tudo, pelas experiências de Alfredo ter outro prisma da cidade que vivia a decadência da borracha e remontam ao tempo cuja a modernidade se firmava na Amazônia. “ Narrando, construímos nosso passado, nosso presente e nosso futuro. As narrativas criam o ontem, fazem o hoje acontecer e justificam a espera do amanhã. A coerência narrativa cria o tempo, o nosso tempo”. Motta (2013, p.18) A partir dessa afirmativa analisamos o romance *Ponte do Galo*, aplicando os planos de Luiz Gonzaga Motta, os quais são, os planos da expressão ou do discurso/linguagem, da estória ou do conteúdo e da metanarrativa ou tema de fundo.

No plano da expressão ou plano do discurso é construído pelo narrador que em *Ponte do Galo* se faz em terceira pessoa, e se mistura com o personagem Alfredo.

Banheiro ao ar livre, com o vento pelas mangueiras da vizinhança, este e aquelezinho pelos ganhos a apanhar manga, escondidito a apreciar, ao apito da Usina, o banho-de-choque da sultana, A alta, alva de espuma, esquecia-se um bom tempo a assustar os pombos do seu vizinho, aquele seu Trindade, terceiro oficial das Terras e Obras Públicas e proprietário da pastorinha “Filhas de Jerusalém” em que a silha, proibida de cumprimentar a moura, fazia a Samaritana. Será que tem subterrâneo entre a taberna e o ponto, seja Reduto, Romariz ou Curro Velho, onde desembarca a carga clandestina? E que caminhos entre a corte de justiça e o mirante da D. Brasileira? (JURANDIR, 2017, p. 157)

Podemos observar na passagem que primeiro somos apresentados ao cenário onde fica o mirante de D. Brasileira, isso feito pelo Narrador, que em seguida dá voz ao personagem Alfredo questionando-se quanto as atividades ilícitas da moura. A fala cabocla e de pessoas

com poucos estudos está fixada em outros personagens da obra, sempre introduzidos pelo narrador ora personagem.

O plano da estória ou propriamente dito o conteúdo é a representação de fatos, de acontecimentos da vida dos personagens. Em *Ponte do Galo* essa representação pode ser destacada pelas atividades de D. Santa, a velha parteira que de um lado a outro de Belém, principalmente nos bairros da periferia “anda tirando criança” e curando doenças com a sabença popular. “A sombra da avó cobria o bairro e a sua voz no ranger, de novo, do cata-vento suplicava pelas netas, correndo o Una, a Volta da Tripa, a Ponte do Galo...” (JURANDIR, 2017, p. 176) o plano é visível nesta passagem do romance, quando os conflitos pessoas de Alfredo e D. Santa são comparados,

...Elas sim, me vigiam, cuidando por onde vou, com esta minha sina de correr onde tem barriga pra ver criança pra pegar, esipra carecente de uma reza. Sim têm suas travessuras, um tanto de gênio arteiro, mas paciência, não é a pouca idade? Depois com um tempo sossegam. [...] Alfredo compara a solidão dele com a incessante parteira. Aquele ovo, aquela moeda, aquela defesa das netas, incessante, a parteira fedia a partos, a criança verde, aquele ovo era das mães, daquele subúrbio parideiro. E aqui esta gema pelos infernos da adolescência. (JURANDIR, 2017 p. 172)

O drama de D. Santa se cruza ao de Alfredo, enquanto a avó, anda pela noite atrás das netas, Alfredo anda atrás de Luciana e de si mesmo. Ambos vivem dramas que o leitor, ao longo da narrativa pode ir percebendo, de fato a procura de D. Santa é pelas netas, mesmo que em algumas passagens do romance a velha parteira não assuma esta posição. O jovem Alfredo tem como drama primordial as dificuldades vividas no ginásio, desde a imposição do saber, até as chacotas e agressões e desprezo por parte de colegas (p. 203). O remorso de estar no lugar de Luciana e a incerteza do seu paradeiro, causam no rapaz impressões que serão desvendadas ao longo de todo CEN.

Outro plano de Motta é da metanarrativa. Trata-se do plano da estrutura profunda, que sai do texto para o dar significado com o imaginário construído em torno da narrativa, se vale de acontecimentos anteriores com significados para criar uma memória coletiva. *Ponte do Galo*, uma passagem, que ilustra muito bem este plano de Motta é a da ponte do igarapé das Armas ou das Almas e a presença de encantarias que não permitem que ela fique em pé, um maioral, que invoca o índio Pena Verde da Arara Real chama as autoridades:

- Só-só com licença do caboclo, ai da corrente, ai no incanti, doutor. Um caboclo morador ai do fundo, é deveras. Fora disso jamais que a ponte se aguenta, sem falar o respeito à engenharia, estou dizendo aos senhores. Assim foi com o Forte do Castelo, olhe o beto temo que já faz. O capitão-mor, das barcas de Portugal, só pôde levantar o Forte com o consentimento do fundo. Quer ver, repare, no cais do porto. O cais sempre caindo um pedaço, aqui e ali, o cais arriando, é ou não é? Estou lhe dizendo, doutor. Não pediram licença. Assim esta ponte, doutor, é o que lhe digo, lhe afianço, tudo em seu fundamento. Olhe, por um exemplo, foi só pedir licença pro fundo, a velha Norato consentiu, e lá está a Sé em pé, até hoje bem em cima da cabeça da cobra, fixe assossegada. A baixo de Deus, se deve à cobra aquela sustentação da igreja, quem duvida que se arrisque, que eu, eras! Só estou é lhe dizendo, doutor. Vá lá, cederam as autoridades. Então o mestre invocou: Licença caboclo para esta ponte ficar de pé? Passou-se um silêncio, deu a modo um banzeiro bem debaixo e foi esmorecendo num suspiro, ficou aquele mal-a-mal espuma. O experiente da Pedreira que puxou o trago, falou: Agora, doutor, finque a ponte, descansado. (JURANDIR, 2017, p. 187-188)

Percebem-se duas narrativas populares nesta passagem, a da cobra em baixo da Sé e a da presença de um caboclo no Igarapé das Almas, que não permitia a construção da ponte que interligava os bairros mais longes ao centro. Motta afirma que a meta-narrativa “É o plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais. Plano em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram as ações da história em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico (MOTTA, 2013, p. 138). A narrativa da cobra, por exemplo, até hoje está no imaginário das pessoas, que ouviram dos antigos e repassam para os mais novos.

### **3.5- Dalcídio Jurandir Hoje**

O contexto que gerou a narrativa do romance *Ponte do Galo* é logo após o período áureo da borracha na Amazônia, Belém que viveu tempos de luxo e glória, era agora uma cidade, cheia de lama e cada vez mais periférica, a cidade padece com o crescimento da população, em sua maioria, negros e nordestinos e “ por força do colégio de posturas de Antônio Lemos, essas pessoas eram obrigadas a retirar-se do centro da cidade para as áreas periféricas na época bairros como Umarizal, Cremação, Pedreira, Marco, São Braz” (ANDRADE, 2004, P. 33) com ruas que “cheiravam a lama e a chuva. Respiravam ali um Deus descalço, desnudo, eriçado. ” (JURANDIR, 2017, p. 193) Dalcídio Jurandir mostra a Belém que a partir das periferias se reconstrói, agora não mais com os luxos e as riquezas da borracha e sim com a riqueza do povo, da cultura popular, bem ao gosto do que defendia a Academia do Peixe Frito. Assim é que se

pode afirmar que Dalcídio Jurandir torna o povo, negros, indígenas, caboclos e pobres, imigrantes e brancos personagens principais deste novo começo para a cidade.

As dúvidas e anseios de Alfredo, não deixam de ser os mesmos sentimentos da população, da criaturada dos pés no chão que com modernidade, precisa encontrar seu lugar. Ainda hoje a população das periferias, buscam seu lugar na sociedade, e desejam ser lembradas pelas autoridades, para dar-lhes melhores condições de vida, moradia e saúde, de forma digna.

A literatura dalcidiana ainda pode refletir cada vez mais na sociedade, pois no início da década de XX, Dalcídio já lutava pelas periferias, juntamente com o grupo dos novos, que não queriam só ficar no peixe Frito, mas assim como tantos outros precisavam viver bem. A literatura tem esse papel, de denunciar e almejar o mundo melhor. A partir da realidade das periferias Dalcídio Jurandir e os demais autores do Peixe Frito, criam caminhos para que cada vez mais as vozes silenciadas se tornem ouvidas.

#### 4- Considerações Finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise ainda que inicial de Ponte do Galo sobre dois vieses: o engajamento político de Dalcídio Jurandir, como membro do Partido Comunista Brasileiro e a sua participação na Academia do Peixe Frito, grupo de intelectuais, poetas e jornalistas que em sua maioria eram negros e oriundos das periferias de Belém. Este trabalho se propôs a refletir por que Dalcídio Jurandir escolhe representar, em Ponte do Galo, a periferia e não o centro da cidade de Belém, dando voz à criaturada dos pés no chão? A resposta ficou evidente quando surgiu a necessidade de me aprofundar nas particularidades da obra estudada. Dalcídio escolhe dar voz aos silenciados, pois é na periferia que está a vida pulsante da cidade, é nas periferias que o povo faz a história, por meio da cultura e dos saberes, que atravessam becos, ruas, rios, igarapés, canais, pontes para todos.

Minha participação no Projeto Academia do Peixe Frito da Universidade da Amazônia, coordenado pelos professores Paulo Nunes e Vânia Torres, foi de grande importância para a construção deste estudo, pois por meio da troca de saberes e da profunda paixão de todos os membros do projeto pela literatura e a comunicação, pude me aprofundar na obra de Dalcídio e dos demais moços do Peixe Frito e assim construir com mais firmeza esta pesquisa.

O processo de pesquisa é, sem dúvida, árduo e prazeroso, ainda mais quando se trata de uma obra ainda pouco estudada, como é o Ponte do Galo, que antes de tudo me veio como um livro de afetos e memórias da minha infância, vivida na proximidade da ponte famosa, no bairro da Sacramenta. Mas não só, este estudo se apresentou como um desafio de um livro engajado, confeccionado com o objetivo de dar voz à população da periferia, não só fazendo uma fisionomia da cidade, mas também falando da riqueza cultural das baixadas de Belém. Confesso que pretendo seguir em estudos futuros com esta temática aqui abordada, até mesmo num possível Mestrado.

A obra de Dalcídio é encantadora, porque traz as verdades de um povo, é impossível ler Dalcídio e não querer adentrar mais neste ciclo de romances que revela o Norte, que revela o povo da Amazônia e, por conseguinte, do Brasil.

## 5- Referências

ANDRADE, Mario de. **O movimento Modernista**. In: Aspectos da Literatura Brasileira. São Paulo; Martins 1978. p. 242.

ANDRADE, Paulo de Tarso. **Belém e suas Histórias de Veneza Paraense a Belle Époque**. 2. Ed. Belém: Kanga editora, 2004, p. 35.

ASAS DA PALAVRA. Belém; UNAMA, v.3, n° 4, junho, 1996.Semestral.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representações da História em Walter Benjamin/WilliBolle**. 2. ed. – São Paulo; Editorada Universidade de São Paulo, 2000.

BOLLE, Willi. **Sociedade e Cultura da Amazônia nos Romances de Dalcídio Jurandir**. O ciclo de debates "Diálogos sobre a Amazônia na Contemporaneidade: Ateliê de Ideias e Propostas" 2015.

Disponível:<https://www.youtube.com/watch?v=NGJsahbCSJ8&t=5810s>

Acesso em 19 de março de 2018.

BENJAMIN, Walter. "**O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia**". Em: Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994: 35

COUTINHO, Afrânio; Coutinho, **A literatura no Brasil: Modernismo**. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1970

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significados históricos de suas denominações/ Ernesto Cruz; ilustrações de Rudolf Richl**. – 2. ed. Belém: CEJUP, 1992.

FEITOSA, Dantas de. **Macro drenagem e Água Potável em Belém do Pará**; Documentário Histórico-Cosanpa. Belém, Multisoft, 1994.

Disponível: <http://blogdatese.blogspot.com/2013/09/universo-de-pesquisa-o-que-e-bacia-do.html>

Acesso 19 de maio de 2018.

FURTADO, Marli Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UFPA, **A penitenciária panóptica de Henrique Américo Santa Rosa.**

Disponível: <https://fauufpa.org/2018/04/28/a-penitenciaria-panoptica-de-henrique-americo-santa-rosa/>

Acesso em 19 de maio de 2018.

JURANDIR, Dalcídio. **Ponte do Galo**. 2. ed. Bragança: editora Pará.grafo, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. São Paulo, Ática, 1988.

MOISES, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Modernismo**. SÃO Paulo, Cultrix, 1989.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**/Luiz Gonzaga Motta. – Brasília; Editora Universidade de Brasília, 2013.

NUNES, Paulo Jorge Martins, TORRES, Vania Maria Costa. **Academia do peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, Jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX/ 40º encontro anual da ANPOCs**. Minas Gerais 2016.

NUNES, **Ponte do galo: vozes que dizem agruras e poesias da cidade (des)caída**. In: JURANDIR, Dalcídio. **Ponte do Galo**. 2. ed. Bragança: Editora Pará.grafo, 2017.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém Estudo de Geografia Urbana**. Vol. 2. Belém: Editora Universidade Federal do Pará. 1968.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. **Bairro e Memória: Umarizal das vacarias aos espigões**. XXVII simpósio Nacional de História. Rio Grande do Norte. 2003.

SALLES, Vicente. **Chão de Dalcídio**. In: JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

WHITE, Edmund. **O flâneur: um passeio pelos paradoxos de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 48.

NUNES, Paulo. **Útero de areia: uma leitura de Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir**. Belo Horizonte, PPGL/PUCMinas, 2007.

[www.edmilsonrodrigues.com.br](http://www.edmilsonrodrigues.com.br), acesso, 20 de maio de 2018.

Acervo Digital do IPHAN, acesso em 19 de maio de 2018

Igarapé das armas, hoje Doca de Souza Franco no início do século XX

fonte: <https://www.flickr.com/photos/unimovel/6301676357> acesso em 18 de maio de 2018

Belém, fonte: <https://fauufpa.org/2015/06/05/mapa-de-belem-19471948-por-mayr-sampaio-fortuna>, acesso, 05/06/18